

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NO CAP-COLUNI

Samuel Torres Bueno¹

Resumo

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência referente à minha prática de iniciação à docência enquanto estagiário no CAP-Coluni, colégio de aplicação da Universidade Federal de Viçosa. Tal estágio foi desenvolvido durante aproximadamente três meses, no segundo semestre de 2017. Neste período, acompanhei o cotidiano de uma professora regente em quatro turmas da série inicial do Ensino Médio. O relato divide-se em quatro partes: uma breve descrição da instituição; análise da prática docente da professora acompanhada; proposta e avaliação de intervenção pedagógica, enquanto estagiário. A experiência é considerada como uma excelente oportunidade de reflexão e vivência da docência, durante a formação inicial, suscitando possibilidades e desafios do ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Ensino médio. Colégio de aplicação. Formação Inicial Docente.

Recebido em 13 de agosto de 2018 e aprovado para publicação em 30 de dezembro de 2018

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Correio eletrônico: samueltoresbueno@gmail.com

1. Breve Histórico e Características Gerais da Instituição

O primeiro conjunto de normas que regulavam a organização da educação nacional foi a Lei de Diretrizes e Bases de 1961². Tal legislação, por meio do artigo 46, possibilitava a criação de colégios universitários, de função propedêutica, visando uma formação para o ingresso nos cursos de graduação. Nesse contexto, em 1965, surge o Coluni (Colégio Universitário) ligado à então UREMG³. No primeiro momento, o colégio ofertava somente a terceira série do ensino médio. A partir de 1982 as três séries desse nível de ensino passam a ser oferecidas pela instituição.

Em 2001, mediante a decisão do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) da UFV, o Coluni se torna um Colégio de Aplicação. Instituições desse tipo ofertam a Educação Básica, nos níveis fundamental e/ou médio, sendo diretamente vinculadas a universidades públicas. Os objetivos dessas escolas são: buscar práticas inovadoras de ensino; estimular a aplicação de saberes pedagógicos em ambiente concreto de ensino e aprendizagem por parte dos estudantes de licenciatura; integrar ensino, pesquisa e extensão no cotidiano dos estudantes e dos professores e se preocupar em atrair um corpo docente altamente qualificado⁴. Nesse sentido, percebe-se que, diante dessas condições estruturais favoráveis e de profissionais tão qualificados, os estudantes da rede federal tendem a se destacar, expressando resultados no Pisa⁵ bastante próximo aos estudantes dos países desenvolvidos.

Talvez esse seja o maior segredo da qualidade da rede federal na qual o Coluni faz parte: o incentivo para que docentes e discentes desenvolvam projetos de pesquisa, ensino e extensão. Em suma, “esses fatores somados fazem com que essas instituições sejam procuradas pelos melhores professores, o que leva a uma melhor qualidade de ensino.”⁶ De fato, se consultarmos o *website* do colégio, na seção “corpo docente”⁷, que

² BRASIL. Lei Nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 13 ago. 18.

³ A UFV (Universidade Federal de Viçosa) originou-se da ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária), inaugurada em 1926. Em 1948, o governo estadual toma a ESAV para si e a transforma na UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais). Em 1969, a instituição é federalizada e ganha a atual denominação.

⁴ SANTOMAURO, Beatriz; SCACHETTI, Ana Ligia; SCAPATICIO, Márcia. **Colégios de Aplicação São Ilhas de Excelência no Brasil**. 2012. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1471/colegios-de-aplicacao-sao-ilhas-de-excelencia-no-brasil>>. Acesso em: 13 ago. 18.

⁵ O Pisa é uma prestigiada avaliação internacional que afere as habilidades de jovens de 15 e 16 anos em três áreas: matemática, ciências e leitura.

⁶ FÁBIO, André Cabette. **Por Que Alunos da Rede Federal Têm Desempenho Parecido Com Estudantes de Países Desenvolvidos**. 2016. Disponível em:

traz os *links* para os currículos Lattes dos professores, iremos constatar que dos 30 professores efetivos, 18 (60%) são doutores, 11 (37%) são mestres e apenas um possui apenas o título de graduado (3%).

Observamos também que essa alta qualidade na formação acadêmica, as boas condições de trabalho e a dedicação exclusiva, possibilitam que os docentes do CAP-Coluni realizem diversas atividades interdisciplinares, projetos de pesquisa e de extensão que transcendem a sala de aula. Todos estes fatores poderiam explicar o fato de que, desde 2007, os estudantes da instituição em questão têm atingido a maior pontuação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) dentre todas as escolas públicas do país⁸.

O colégio está localizado dentro da UFV, no campus Viçosa/MG, ao lado dos Departamentos de História e Geografia. Por conta dessa particularidade, discentes e docentes convivem e usufruem da estrutura da universidade, tendo acesso ao restaurante universitário, à biblioteca central, à divisão de saúde, dentre outros espaços. Os estudantes criam assim uma rotina que se assemelha bastante à vivência universitária.

Em relação à organização do colégio, o *website* da instituição informa que este se divide em: direção, coordenação pedagógica, serviços de orientação educacional e psicologia escolar, seção de expediente, seção de controle e registro escolar. Durante o turno matutino, que se inicia às 07h00 e termina às 12h20, acontecem as aulas (com a duração de 50 minutos cada) da segunda e terceira série. Durante o turno vespertino, que se inicia às 13h00 e termina às 18h20, ocorrem as aulas da primeira série.

Cada disciplina, exceto Sociologia e Filosofia, possui três docentes⁹. Ou seja, cada docente é responsável por uma determinada série, composta por quatro turmas (A, B, C e D). Apenas os docentes destas duas disciplinas, que contam com uma menor carga horária de aula em cada turma, se responsabilizam pelo ensino nas três séries. O colégio funciona, na prática, em tempo integral, e, durante os horários extraclasse os estudantes realizam diversas atividades e projetos. Os docentes, quando não estão em sala de aula, em conjunto com os estagiários dos cursos de licenciatura e monitores, disponibilizam determinados horários para atendimento aos discentes, em seus gabinetes.

<<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/07/Por-que-alunos-da-rede-federal-t%C3%AAm-desempenho-parecido-com-estudantes-de-pa%C3%ADses-desenvolvidos>>. Acesso em: 13 ago. 18.

⁷ Disponível em: <http://www.coluni.ufv.br/?page_id=426>. Acesso em 13 ago. 18.

⁸ Disponível em: <<http://www.memoriacoluni.ufv.br/?informativos=04102016-cap-coluni-e-a-melhor-escola-publica-do-pais-na-classificacao-do-enem>>. Acesso em 13 ago. 18

⁹ Outra exceção são as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, que possuem quatro docentes.

No que se refere ao público atendido, o Coluni conta hoje com 480 estudantes, sendo 160 em cada série. Estas são divididas em quatro turmas de 40 estudantes. No decorrer dos anos, a escola tem deixado aos poucos de ter uma imagem de “colégio de elite”. Tal mudança é decorrente da política de cota por bônus, que aumenta em 20% a nota daqueles estudantes que cursaram o ensino fundamental integralmente em escola pública, no exame de seleção para o ingresso ao colégio, no qual anualmente são oferecidas 150 vagas para a 1ª série.

2. Análise da Prática Pedagógica

Nos cursos de graduação em História, conforme argumenta Cerri¹⁰, existe certa negligência em relação aos saberes pedagógicos, sendo estes entendidos, equivocadamente, como inferiores. Assim, ainda persiste a concepção de que a apreensão do conhecimento historiográfico basta para a formação e atuação dos futuros docentes em História. No entanto, esse abismo entre o historiador e o professor do ensino básico não deveria existir, pois “o professor e o pesquisador de História compartilham uma linguagem comum, apesar da especificidade de suas práticas¹¹”.

Em outras palavras, percebe-se que embora a História acadêmica e a História escolar possuam singularidades, não se pode estabelecer uma divisão rígida e estanque entre elas. Ambas as modalidades deveriam se debruçar sobre questões semelhantes, como: Quais são os sentidos do passado? Como descrever a relação entre o passado e o presente? Como o passado é instrumentalizado no presente? Quais são os usos possíveis do passado? De que maneira podemos observar as apropriações e ressignificações do passado?

Obviamente que a pretensão dos professores da educação básica não pode ser a de formar mini historiadores. No entanto, é enriquecedor que os estudantes tenham contato com algumas das ferramentas teóricas e metodológicas típicas do trabalho do

¹⁰ CERRI, Luis Fernando. O Historiador na Reflexão Didática. In: **História & Ensino**. Londrina, v.19, nº 1, jan.jun 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/14935/13006>>. Acesso em 13 ago. 18

¹¹ MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Apontamentos Para Pensar o Ensino de História Hoje: Reformas Curriculares, Ensino Médio e Formação do Professor. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, v.11, nº 21, 2007, p.64. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a05.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 18.

historiador. O ensino de História na educação básica visa formar cidadãos capazes de compreender e de ler a sua realidade, conforme argumentam Pereira e Sheffner¹².

Isto posto, a utilização de alguns conceitos, como processo histórico, temporalidades, sincronia, diacronia, anacronismo, sujeito histórico, relações de poder, classes sociais e cultura política devem ser incorporados na sala de aula. Estes podem auxiliar o desenvolvimento do pensamento crítico, o qual se constitui na “(...) capacidade de observar e descrever, estabelecer relações entre presente-passado-presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado.”¹³

Após apontar algumas reflexões sobre o ensino de História, descreve-se a seguir a prática em sala de aula da professora Ana¹⁴, acompanhada nesta experiência de estágio supervisionado no CAP-Coluni, a qual se deu durante o período de agosto a novembro de 2017. Inicialmente descreve-se uma aula observada e que ilustra bem a prática pedagógica da docente.

Na aula em questão, Ana introduziu os estudos sobre Brasil Colônia apresentando, em um primeiro momento, a canção do gênero musical *funk* “Não foi Cabral¹⁵”, de Mc Carol:

*Professora me desculpe
Mas agora vou falar
Esse ano na escola
As coisas vão mudar
Nada contra ti
Não me leve a mal
Quem descobriu o Brasil
Não foi Cabral
Pedro Álvares Cabral
Chegou 22 de abril
Depois colonizou
Chamando de Pau-Brasil
Ninguém trouxe família
Muito menos filho*

¹² PEREIRA, Nilton Mullet.; SEFFNER, Fernando. O Que Pode o Ensino de História? Sobre o Uso de Fontes na Sala de Aula. In: **Anos 90**. Porto Alegre, v.15, n.28, dez.2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7961/4750>>. Acesso em 13 ago. 18.

¹³ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, p.121.

¹⁴ Aqui foi usado um nome fictício, para preservar a identidade da docente em questão.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HfRkeo-Vmc8>>. Acesso em: 13 ago. 18

*Porque já sabia
Que ia matar vários índios
13 Caravelas
Trouxe muita morte
Um milhão de índio
Morreu de tuberculose
Falando de sofrimento
Dos tupis e guaranis
Lembrei do guerreiro
Quilombo Zumbi
Zumbi dos Palmares
Vítima de uma emboscada
Se não fosse a Dandara
Eu levava chicotada*

Este *funk* se revelou um recurso didático bastante interessante, já que serviu “(...) para introduzir o tema de estudo, assumindo, nesse caso, a condição de situação-problema, para que o estudante identifique o objeto de estudo ou tema histórico a ser pesquisado¹⁶”. Assim, ao iniciar a aula apresentando a canção, a docente instigou os estudantes a pensar lançando algumas questões como: O Brasil foi descoberto ou achado? Se já existiam povos indígenas vivendo aqui, podemos dizer que fomos descobertos pelos portugueses? Porque o termo descobrimento ainda é utilizado? O Brasil é realmente um país pacífico ou a nossa história traz traços de violência?

A letra de Mc Carol é muito rica para que os estudantes problematizassem a “história oficial”, dos “grandes homens”, que constrói uma imagem do Brasil enquanto um país pacífico e ordeiro. É interessante pensar também, o “lugar de fala” de Mc Carol: uma mulher negra da periferia. Não por acaso ela evoca no penúltimo verso, a figura de Dandara, esposa de Zumbi dos Palmares, que hoje é considerada uma figura de resistência importante no feminismo negro.

Sendo assim, partindo do teor crítico presente na letra de “Não foi Cabral”, os estudantes puderam questionar a “história dos vencedores”. A partir dessa metodologia e do material escolhido pela professora, os estudantes puderam perceber que a naturalização da violência é um traço constante na história brasileira. Esta atinge principalmente grupos como a população afrodescendente e os povos indígenas, seja na sua dimensão material - que se expressa na escravização e na violação permanente de direitos destes grupos - seja na sua dimensão simbólica - que se expressa no apagamento durante muito tempo das memórias e culturas negras e indígenas.

¹⁶ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Op. Cit.*, p.330

Dessa maneira, posso afirmar, a partir das minhas observações, que as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora Ana objetivam, com sucesso, fazer com que os estudantes sejam capazes de interrogar o passado tendo em vista questões que dizem respeito ao tempo presente. Nesse sentido, a aula descrita se tornou instigante, pois conseguiu fazer a ponte entre o passado e o presente. Tal proposta permitiu considerar as singularidades de cada uma dessas temporalidades, sem recorrer à instrumentalização excessiva do presente – que pode levar às análises anacrônicas – ou ao estudo do passado pelo passado – atribuindo a ele uma condição de alteridade total, sem qualquer ligação com o nosso próprio tempo.

Sendo assim, percebi que as práticas didáticas adotadas pela docente lograram êxito na missão de transformar a sala de aula em um espaço repleto de aprendizagem significativa. Ao discutir os usos e representações do passado para provocar problematizações, a docente traduziu conceitos historiográficos em uma linguagem acessível ao público de primeira série de Ensino Médio, permitindo o diálogo, muito fecundo entre a História acadêmica e a História escolar.

3. Proposta de Intervenção Pedagógica

Como parte das atividades previstas no estágio supervisionado, foi desenvolvida uma proposta de intervenção pedagógica. A pergunta motivadora para a construção da intervenção foi: Como se pensar a História da África na educação básica no Brasil? A ideia de levar tal assunto para os estudantes da primeira série veio a partir de uma das aulas da professora Ana.

Naquela aula, a docente apresentou a História da África e das Culturas Afro-Brasileiras por meio da problematização, realizada em conjunto com os estudantes sobre a imagem estereotipada projetada sobre o continente africano, o qual é normalmente entendido, equivocadamente, desprovido de história. Como material pedagógico, foi utilizado o depoimento da escritora nigeriana Chimamanda Adichie sobre os perigos da história única¹⁷. A professora também incentivou discussões sobre a Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a presença de temáticas ligadas à história e cultura afro brasileira na educação básica.

Os objetivos dessa proposta consistiam em estimular junto com os estudantes, as capacidades de: refletir criticamente sobre o eurocentrismo – que relega a África à condição secundária na história global – desconstruir a concepção positivista de que os

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLRiZWtEY>>. Acesso em 11 jan. 2018.

povos africanos seriam “a-históricos” – devido à ausência de “escrita” ou de documentos oficiais – pensar a partir de quais tipos de fontes e metodologias se poderia, então, escrever o passado do continente africano e descrever as sociedades que ali viveram ou ainda vivem.¹⁸

4. Avaliação da Intervenção

A intervenção proposta ocorreu em quatro aulas, uma para cada turma da primeira série. Como recurso didático contou-se com perguntas motivadoras, tais como: A África tem história? Qual corrente historiográfica afirma que a África era incapaz de ter História, e por quê? Se os documentos escritos não são as únicas fontes para se escrever sobre o passado africano, quais outros vestígios podem ser usados? Qual a relação que podemos estabelecer entre História e Memória? Porque a tradição oral africana é um modelo de conceber a vida tão diferente do nosso modelo? Vocês já leram algum livro do Mia Couto ou já ouviram falar nesse escritor? A forma como Mia escreve é positiva ou está próxima da Nova História?

As discussões em sala de aula, marcadas por questionamentos e problematizações levantados pelos estudantes, foram surpresas positivas. O ato de ouvi-los buscando compreender as suas próprias percepções acerca da temática conduziu as aulas a uma condição dinâmica, o que rompeu com a lógica da mera exposição de conteúdo.

A partir do momento em que os estudantes foram instigados a verbalizar suas próprias interpretações, a aula passou a se desenvolver mais. Isto proporcionou maior troca de conhecimentos entre estudantes e o estagiário. Houve assim, uma situação real de ensino e aprendizagem, em que, conforme enuncia Bittencourt¹⁹ o conhecimento não se torna posse exclusiva do professor. Este, por outro lado, dialogicamente aprende mais sobre o objeto de estudo ao passo que o estuda com os alunos.

O intuito ao levar os dois trechos de Mia Couto para a sala de aula não foi reproduzir a equivalência entre fonte histórica e “prova”, pois, conforme questionam Pereira e Seffner²⁰, esta seria uma forma de, equivocadamente, reforçar a noção de que o documento é apenas uma ilustração do conteúdo ministrado. Por conseguinte, levar

¹⁸ Em anexo consta o plano de aula construído para a realização de tal proposta de intervenção e dos trechos utilizados do escritor Mia Couto utilizados durante essa construção.

¹⁹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Op. Cit.*

²⁰ PEREIRA, Nilton Mullet.; SEFFNER, Fernando. *Op. Cit.*

fontes históricas para a sala de aula, por si só, não garante a criticidade do ensino ou um rompimento com um modelo tradicional. A utilização dos múltiplos registros históricos (leis, imprensa, músicas, fotografias, pinturas, filmes, entre outros) será muito mais frutífera se realizada após a reflexão do docente sobre as justificativas e as implicações específicas em cada tipo de fonte.

No lugar da concepção do documento como sinônimo de atestado da “verdade histórica”, professores devem apropriar-se deles no intuito de que os estudantes percebam a alta complexidade da construção do conhecimento histórico. Deve-se, no entanto, tomar o cuidado de não esperar dos estudantes da educação básica o domínio do arcabouço metodológico capaz de fazer a crítica apurada das fontes, como se faz na academia. Em outras palavras, o uso de fontes em sala de aula será produtivo e criativo se atender às seguintes condições: quebrar o estigma de “prova”, instigar a reflexão sobre a complexidade e apresentar a maneira como os historiadores lidam com a matéria prima de seu ofício.

Tendo em vista estas condições citadas acima, ao levar os excertos (um proveniente de um livro de ensaios e outro de um romance) do escritor Mia Couto, a intenção era não utilizá-los para “comprovar” o que é discutido, mas sim fazer com que os estudantes estabelecessem pontos de contato entre a literatura de Mia Couto e a oralidade africana. O intuito com essa proposta é possibilitar as condições para que os estudantes percebam como a tradição oral influencia a maneira de escrever do autor em questão. Isto é, apropriei dessas fontes literárias a partir da metodologia na qual orienta Pereira e Seffner²¹, citada anteriormente, que pressupõe a complexidade na manipulação das fontes em sala. Diante do que foi exposto, percebo que esta proposta de intervenção atingiu o resultado esperado.

5. Considerações Finais

A análise da instituição, bem como o planejamento e a execução da minha intervenção foram atividades que permitiram debruçar em questões recorrentes, complexas e inquietantes. Tais reflexões fazem parte do dia a dia daqueles que se dedicam ou pretendem dedicar suas vidas ao ofício de lecionar a ciência de Clio para jovens e adolescentes. Entre tais indagações estão as seguintes: Como amenizar a distância entre a História acadêmica e a escolar? Como conciliar a exigência de se

²¹ *Ibidem*

cumprir o currículo exigido e a necessidade de se levar discussões historiográficas? De que forma se pode quebrar o estigma de memorização que comumente é atribuído ao ensino de História? De que maneira despertar o gosto dos estudantes pelo conhecimento histórico?

Conclui-se que o estágio supervisionado se revelou uma experiência riquíssima para levar para a sala de aula, enquanto estagiário alguns dos conhecimentos historiográficos e pedagógicos adquiridos durante a graduação. Por fim, mas não menos importante, contribuiu enormemente para enquanto futuro professor de História. Ao disponibilizar trechos de Mia Couto, procurou-se argumentar dois pontos. O primeiro foi o de que os saberes não podem ser hierarquizados, sendo que o próprio autor – um biólogo de formação científica e um “homem de letras”, vencedor de prêmios literários ao redor do mundo, entre eles o Prêmio Camões, a maior honraria da literatura de língua portuguesa – se sente um analfabeto quando se depara com modos de percepção do mundo que diferem do cânone científico ocidental. Este é construído a partir da fragmentação do conhecimento em disciplinas com fronteiras bem delimitadas.

Já o segundo ponto explorado foi a identificação junto aos estudantes de duas características da tradição oral africana: a não separação entre a dimensão espiritual/onírica e material da existência e a força da palavra dos “mais velhos”, capaz de fazer a ligação com os antepassados. Sendo assim, discuti como as duas características da oralidade se fazem presentes na escrita de Mia Couto, tomando o cuidado de não reproduzir o rótulo de “exotismo” que muitas vezes é erroneamente atribuído às populações africanas.

Ao levar fontes literárias com a intenção de repensar, junto com os alunos, a relação entre a história e a memória da África e a importância da tradição oral na transmissão e conservação do passado em sociedades “sem escrita”, buscou-se o ensino de conceitos historiográficos a partir de uma linguagem adequada ao público da primeira série do Ensino Médio.

Esta troca foi realizada pensando sempre na relação existente entre a historiografia acadêmica e a necessidade de estimular entre as estudantes discussões em torno da alteridade, da desconstrução da “história única” e da construção de práticas que contemplem a multiplicidade e a criticidade. Conclui-se que realizar o estágio descrito neste trabalho, no CAP-Coluni, foi uma excelente oportunidade de reflexão e vivência da docência, durante a formação inicial, suscitando possibilidades e desafios do ensino de História.

ANEXOS

ANEXO A - PLANO DE AULA

Tema: Como ressignificar a História da África?

Público Alvo: 1ª série do Ensino Médio

Duração: 50 minutos

Objetivo geral:

Problematizar a ideia de que os povos africanos são “atrasados”, “exóticos” ou “tribais” e que no continente africano não haveria “grandes acontecimentos” ou “grandes homens”, sendo um espaço secundário na História mundial.

Objetivos específicos:

- Demonstrar que a historiografia, graças à revolução documental feita especialmente pela chamada “Nova História” que corresponde à terceira geração da Escola dos Annales, pôde se debruçar sobre outros vestígios do passado além dos documentos oficiais privilegiados pelo positivismo. Assim, a expansão do conceito de fonte possibilitou o olhar dos historiadores para outras realidades e espaços, inclusive a África;
- Apresentar as considerações de Joseph Ki-Zerbo²² acerca de três fontes (documentos escritos, objetos arqueológicos e oralidade) e duas concepções (interioridade e interdisciplinaridade) adequadas para se compreender a África a partir de um olhar complexo e endógeno.
- Discutir sobre tradição oral, uma das fontes apresentadas por Ki-Zerbo, com o intuito de fazer com que os estudantes possam conceber a transmissão do passado pela memória como tão legítima quanto os registros escritos;
- Possibilitar que os estudantes estabeleçam possíveis ligações entre os trechos dos livros de Mia Couto a partir de trechos de dois livros de Mia Couto (“Se Obama Fosse Africano” e “Terra Sonâmbula”).

²² KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In: SILVÉRIO, Valter Roberto (editor). **Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-História ao Século XVI**. Brasília, UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

- Problematizar a rígida divisão entre as duas maneiras de representação do passado: oral e escrita. No contexto de muitas sociedades africanas, a oralidade, e não a escrita, é a principal forma de transmissão do passado. Os estudos clássicos sugerem que a memória seria o reduto das experiências identitárias e afetivas, possuindo uma relação de proximidade com os sujeitos, enquanto a história corresponderia ao distanciamento temporal, ao exercício da criticidade e por tratar o passado sob a condição da alteridade. Sendo assim, esta dicotomia não é válida para se entender as maneiras de se pensar a história de sociedades orais.
- Argumentar que a literatura de Mia Couto, mesmo sendo escrita em contextos dolorosos, como a guerra civil em Moçambique no período pós-independência, é capaz de demonstrar que os povos africanos não perdem o direito ao sonho e cultivam a dimensão onírica da existência e vislumbram um futuro, ainda que as condições materiais sejam bastante precárias, segundo Veiga²³.

Recursos didáticos: Projeção de slides e utilização de dois trechos dos livros “Se Obama Fosse Africano” e “Terra Sonâmbula” de Mia Couto.

Metodologias:

Primeiro momento: A aula se iniciou com breve explanação sobre diferenças entre o positivismo e a Nova História, com ênfase nos distintos objetos de estudo e tipos de fontes típicas de cada uma dessas escolas historiográficas.

Segundo momento: Foram feitas perguntas algumas motivadoras: Qual dessas correntes de pensamento, o positivismo ou a Nova História, é adequada para se entender a História da África e porquê? Se o positivismo só valoriza os documentos oficiais, com quais outras fontes nós podemos pensar a história de sociedades africanas sem escrita? Se muitos povos africanos não deixaram registros escritos, com quais outras fontes se pode entender a trajetória deles? Estas perguntas fizeram introduzir os dois princípios (interdisciplinaridade e interioridade) e as três fontes (documentos escritos, oralidade e cultura material) apresentadas por Ki-Zerbo como sendo próprios para se entender a história africana.

²³ VEIGA, Giselle Leite Tavares. Escritas que movem. In: FRANCO, Roberta Guimarães.; MELONI, Otavio Henrique; KANO, Takashi (orgs). **A mesma palavra outras ensaios sobre a Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Niterói: Vício de Leitura, 2011.

Terceiro momento: Depois dessa primeira explanação, foi exposta, detalhadamente, acerca de uma dessas fontes, a oralidade. E consecutivamente foram feitas outras perguntas para motivar a discussão ao fim da explanação: Porque a oralidade e a memória são tão importantes no contexto de muitas sociedades africanas? A história e a memória são duas formas de representação do passado. Porque a segunda pode ser útil para a primeira”?

Quarto momento: Por fim, foi disponibilizado dois trechos de livros de Mia Couto, depois de uma breve descrição da biografia do autor para a turma em que trabalhou como fontes, com o objetivo de enfatizar a importância da oralidade na cultura africana a partir de sua obra.

ANEXO B - TRECHOS UM E DOIS DOS LIVROS SELECIONADOS DE MIA COUTO

“Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas.”²⁴

“Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeirinhas mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido, saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. Assim era o velho Taímo, solitário pescador [...]. Nesse entretanto, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narrativa tinha fim [...]. Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos por via dos antepassados. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

- Venham: papá teve um sonho!

²⁴ COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 14.

E nós nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

- Nem duvidem - avisava mamã, suspeitando-nos. E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos.”²⁵

²⁵ _____. In: Terra Sonâmbula. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p.14/15